



O setor de Sucata de Ferro e Aço, assim como o de Ferro Gusa, deixa evidente que são necessários ajustes para a retomada do desenvolvimento em todo o País.



Veja, nesta edição, entrevista com Fausto Varela Cançado, Presidente do SINDIFER, entidade representativa dos produtores de ferro gusa.





**Fausto Varela Cançado**  
Presidente do SINDIFER (\*)

- Vamos iniciar com um breve relato sobre as atividades do SINDIFER - Sindicato da Indústria do Ferro no Estado de Minas Gerais?

O Sindicato da Indústria do Ferro no Estado de Minas Gerais - SINDIFER, congrega e representa, principalmente na defesa dos interesses, como filiadas, as indústrias (usinas) não integradas (independentes) produtoras de ferro gusa, estabelecidas em Minas Gerais e, como associadas, parte das integradas e também as situadas no estado do Espírito Santo. Foi fundado em 1933 (há 83 anos) e está vinculado à Federação das Indústrias de MG - FIEMG, no plano estadual e à Confederação Nacional da Indústria - CNI, no âmbito federal.

- O que é ferro gusa e qual o perfil do setor?

O ferro gusa, em síntese, é o produto resultante da redução do minério de ferro, utilizando uma fonte de energia (coque, carvão mineral ou vegetal). É matéria-prima para a produção de aço e de peças fundidas de ferro e aço. São três as principais categorias: Ferro Gusa de Aciaria, de Fundição e Nodular.

O parque industrial de usinas não integradas produtoras de ferro gusa, no Brasil, está distribuído em três

regiões: Sudeste (MG e ES), Norte/Nordeste (MA e PA) e Centro-Oeste (MS). Somadas são 80 Usinas (134 altos fornos), com capacidade instalada de produção de aproximadamente 1,00 milhão de t/mês. Atualmente a ociosidade está muito próxima de 60%.

A Região Sudeste, mais antiga e maior, com 62 usinas (98 altos fornos), tem capacidade instalada de pouco mais de 650 mil t/mês; é também a que tem a menor taxa de ociosidade. Sua produção destina-se tanto ao mercado interno (aciarias e fundições), quanto às exportações. Historicamente, até 2008 a proporção entre mercado brasileiro e internacional foi de 50%, em média. Esta região abastece 90% da demanda do mercado interno.

- Há estatísticas de exportações de ferro gusa referente aos três últimos anos? Quais países que integram a Balança Comercial e qual a participação do Brasil nas exportações mundiais?

Nos anos de 2013 a 2015, foram exportadas pelo Brasil: 2,691; 2,588 e 2,751 milhões de toneladas, respectivamente e, pelas projeções, em 2016 devem chegar a aproximadamente 2,600 milhões de toneladas.

Destes totais, a região Sudeste representou em 2013 um total de 859,1 mil/t, em 2014 atingiu 972,3 mil/t, em 2015 registrou 1,246 milhão/t e em 2016 deve totalizar 1,200 milhão/t. Como comparativo, em 2004 e 2005 foram registrados recordes de exportação, os volumes totais atingiram 3,161 milhão/t e 3,269 milhão/t, respectivamente.

O mercado é bastante diversificado, conforme demonstram as exportações de 2016, que tiveram como destino mais de trinta países, sendo que os maiores volumes foram destinados para Estados Unidos, Holanda, México, Peru, Taiwan e Argentina.

Rússia e Ucrânia são os principais concorrentes do Brasil no mercado mundial.

(\*) Fausto Varela Cançado é Presidente do SINDIFER e Empresário. Graduado como Engenheiro Civil pela UFMG; Pós Graduado no MBA Executivo Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – extensão no Seminário: “International Strategic Business Leadership – Paths to the Future for Brazilian Managers”, pelo College of Business Center for International Business Education and Development – Ohio University. Foi executivo, por mais de 25 anos, de empresas de médio e grande porte.

- Há aspectos que dificultam o incremento do volume exportado pelo Brasil? Em caso positivo, como solucionarmos estes entraves?

Sim. Para se disputar qualquer mercado é preciso ter competitividade. No Brasil temos alguns aspectos que, via de regra, colocam nossos produtos em desvantagem em relação aos concorrentes, dificultando não só o incremento, mas também a manutenção dos atuais níveis de exportação. Duas variáveis devem ser consideradas na formação do valor de uma exportação: o preço (US\$) e a taxa de câmbio. Sendo o custo pago em Real, é aí que se define seu posicionamento competitivo, levando-se em conta a cotação do dólar e a lei de mercado (oferta e demanda). A taxa de câmbio depende da política econômica do Governo e nos últimos anos a forma como foi administrada em nosso País não favoreceu em nada a exportação. A desvalorização do real foi inferior à de moedas de países de economias semelhantes à nossa e de concorrentes como a Rússia e a Ucrânia. Devido a estes fatores e ao custo em alta, a equação ficou difícil de fechar. Temos ainda a burocracia que é outro complicador generalizado, o qual permeia todo o processo, principalmente na área de meio ambiente. Os encargos tributários “embutidos” não compensáveis que acabam sendo “exportados” também prejudicam a competitividade. Para minimizar o impacto desses tributos foi criado o REINTEGRA que restitui à empresa parte do que foi recolhido. No governo anterior o percentual a ser restituído foi reduzido para 0,1% e há expectativa de que em 2017 venha a ser de 2%, isto melhoraria as condições de competitividade. No que diz respeito à logística, as dificuldades envolvem custos e acesso nos transportes rodoviário, ferroviário e questões portuárias

- O ano de 2016 foi desafiador e vários setores da economia tiveram frustradas as expectativas de retomada do crescimento. Nesse contexto, seria possível fazer uma avaliação do desempenho da atividade dos representados pelo SINDIFER?

Para o setor de ferro gusa não foi diferente, pois tínhamos essa expectativa de crescimento e o volume de exportações permaneceu praticamente estável, com relativa melhora nos preços e na taxa de câmbio, isso foi positivo, porém, o mercado interno, principalmente as aciarias, novamente apresentou queda no volume

de produção, seguindo a tendência iniciada no final de 2015. Realmente foi um ano muito desafiador.

- Quais as expectativas para os próximos anos e que medidas poderiam ser tomadas para alavancar o desempenho do setor? De que forma o SINDIFER pode colaborar para esta evolução?

No mercado interno não há grandes expectativas, acreditamos que haverá retomada, mas de forma lenta. Já para o mercado externo, estamos avaliando que ocorrerá uma melhora significativa para o produto brasileiro, com a manutenção ou até nova elevação dos preços em dólar, a manutenção da taxa de câmbio em níveis mais próximos da realidade e, como já disse, a alteração do REINTEGRA para 2%.

O trabalho constante do SINDIFER é de buscar formas para melhorar as condições dos produtores e aumentar a competitividade dos produtos. Nesse sentido, temos feito gestão junto aos Governos, no âmbito Federal, Ministério da Fazenda, Ministério dos Transportes, MDIC - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, e, na esfera Estadual, nas diversas Secretarias, Câmaras, Assembleias, entre outros.

- Sabendo que hoje muito se fala em meio ambiente e sustentabilidade, qual o posicionamento e avanços do setor de ferro gusa nestas questões?

As usinas não integradas produtoras de ferro gusa, ao longo dos anos, principalmente em Minas Gerais, vêm buscando se adequar às exigências ambientais e, em alguns fatores, chegam até a estar na frente, como é o caso da utilização praticamente exclusiva do carvão vegetal de florestas plantadas como redutor no processo. Para isso, as usinas plantaram florestas próprias ou fomentaram plantios e atualmente são mais 400.000 ha plantados. A grande contribuição é que como as florestas durante seu desenvolvimento retiram CO<sub>2</sub> da atmosfera e liberam O<sub>2</sub>, anulam, com sobra, o CO<sub>2</sub> emitido pelo processo industrial, por isso é chamado de “Gusa Verde”.

Além disso, as usinas têm implantado sistemas de controle de emissões com filtros e as maiores, aproveitando os gases que seriam lançados na atmosfera, instalaram termoelétricas e adotaram controle de resíduo e reaproveitamento de água.

- Como o senhor analisa a interação do segmento de ferro gusa e do comércio atacadista de sucatas ferrosas e não ferrosas?

Considero muito forte e respeitosa. Temos como ponto em comum parte do mercado, mas, o mais importante é a convergência nas demandas institucionais dos setores que necessitam união de forças para atingir os objetivos, como já fizemos antes e fomos bem-sucedidos.

- Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Como a maioria dos setores, é imperativo que sejam feitas as reformas que vêm sendo adiadas, principalmente a trabalhista, muito obsoleta, e a fiscal, onerosa e complexa, bem como a reavaliação do processo de licenciamento ambiental para as empresas, adequando-o à realidade do país, evitando excessos e não o tornando entrave para quem quer empreender.

Estatísticas



**Balança Comercial de Sucata de Ferro e Aço**

10<sup>3</sup> t

Ano	Exportações	Importações
2012	444	63
2013	453	55
2014	648	23
2015	679	25
2016	611	33

Fonte: MDIC-SECEX

**Filie-se ao INESFA e SINDINESFA participe das atividades e mantenha-se informado.**

Acontece

**Waste Expo Brasil**



Da esq. p/dir.: Jesus Gomes, Valentim Aparicio Escamilla, Ministro José Sarney Filho, Deputado Federal Antonio Carlos Gomes da Silva e Elias Bueno.

O INESFA e o SINDINESFA apoiaram a Waste Expo Brasil, realizada de 22 a 24 de novembro de 2016, no Pro Magno Expo, em São Paulo.

Proferimos a palestra intitulada “Sucatas Ferrosas” e tivemos a honra de recepcionar no estande das entidades o Excelentíssimo Ministro de Estado do Meio Ambiente José Sarney Filho e o Deputado Federal Antônio Carlos Gomes da Silva - Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cadeia Produtiva da Reciclagem, além de ilustres visitantes que vieram prestigiar o evento.

EDITORES

**INESFA**  
Instituto Nacional das Empresas de Preparação de Sucata Não Ferrosa e de Ferro e Aço

**SINDINESFA**  
Sindicato do Comércio Atacadista de Sucata Ferrosa e Não Ferrosa do Estado de São Paulo

APOIO

**ANAP**  
Associação Nacional dos Aparistas de Papel

**ASCICLO**  
Associação das Empresas de Reciclagem do Estado de Goiás

**RECIBRA**  
Associação Brasileira das Empresas de Reciclagem

**EXPEDIENTE**

Boletim 5 R's - INFORMATIVO DO COMÉRCIO ATACADISTA DE RECICLÁVEIS

Editores: INESFA/SINDINESFA

Rua Rui Barbosa, 95 - 5º andar - Bela Vista - CEP 01326-010 - São Paulo - SP

Fax: (11) 3251-0362 - e-mail: sindinesfa@sindinesfa.org.br - site: www.inesfa.org.br/www.sindinesfa.org.br  
Coordenador Editorial: Elias Bueno - Edição e Produção: G Martin Comunicação e Marketing

Jorn. Resp.: Gracia Martin - MTB/SP 14.051 - Tel.: (11) 2414-2419 Cel.: (11) 97282-9288 - e-mail: gracia@gmartin.com.br

Autorizada a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

O INESFA, SINDINESFA e a G Martin Comunicação e Marketing não se responsabilizam pelos conceitos emitidos em artigos assinados.